

Imp 278

ARCHIVOS

DO

MUSEU NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit.

J. 14. 321.

In silvis academi quærere rerum.

Quamquam Socraticis madet sermonibus.

H.

VOLUME XI



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1901

QUADRO DO PESSOAL
DO
MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

1901

ADMINISTRAÇÃO

Director geral — Dr. João Baptista de Lacerda.
Secretario — Alipio de Miranda Ribeiro.
Bibliothecario — Manoel Soares de Carvalho Peixoto.

PRIMEIRA SECÇÃO

Zoologia

Professor — Hermillo Bourguy Macedo de Mendonça
(engenheiro).

Assistente — Carlos Moreira.

Preparadores :

Taxidermia — Eduardo Teixeira de Siqueira.

Osteologia — Antero Martins Ferreira.

TERCEIRA SECÇÃO

Mineralogia, geologia e paleontologia

Professor — Francisco de Paula Oliveira (engenheiro de minas).

Assistente — Hildebrando Teixeira Mendes (engenheiro de minas).

Preparador — Oscar Publio de Mello.

SEGUNDA SECÇÃO

Botanica

Professor — Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond.

Assistente — Dr. Ernst Hemmendorff.

Preparador — Alexandre Magno de Mello Mattos.

QUARTA SECÇÃO

Anthropologia, ethnologia e archeologia

Professor — Domingos Sergio de Carvalho (engenheiro).

Assistente — Dr. Publio de Mello.

Preparador — Santos Lahera y Castillos.

Porteiro — Antonio Alves Ribeirão Catalão.

Continuo — Amando Goulart Alvim.

Jardineiro-chefe — Frederico Groth.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO DOS ARCHIVOS

João Baptista de Lacerda.

Hermillo Bourguy Macedo de Mendonça.

Domingos Sergio de Carvalho.

CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA FAUNA BRAZILEIRA

CRUSTACEOS DO BRAZIL

POR

Carlos Moreira

ASSISTENTE DA SECÇÃO DE ZOOLOGIA DO MUSEU NACIONAL

A unica tentativa que tem sido feita até hoje, para reunir os elementos esparsos pelas diversas publicações scientificas, sobre a fauna carcinologica do Brazil, foi levada a effeito por Sidney J. Smith em 1869 *. O trabalho do carcinologo americano é, entretanto, mesmo para aquella epoca, bastante incompleto, impondo-se, portanto, a necessidade de refundil-o sobre bases mais amplas, com os novos elementos que têm sido dados á publicidade.

Ao proceder á determinação e organização da collecção de Thoracostraceos do Museu Nacional, foi-nos facil verificar quaes as lacunas existentes no trabalho de Sidney Smith e julgar o valor de uma tentativa para o preenchimento dessas lacunas, quer para o conhecimento da fauna carcinologica do Brazil, até hoje estudada, quer como contribuição para a zoogeographia.

Quanto á nomenclatura procurámos cingir-nos aos trabalhos mais recentes de illustres carcinologos e ás leis da «Deutschen Zoologischen Gesellschaft», dictadas pela sabia intenção de pôr um termo á anarchia, que tendia a invadir a nomenclatura zoologica. Oxalá que todos os naturalistas, bem comprehendendo-as, a ellas se conformassem, com a

* Transactions of the Connecticut Academy v. II (1871-1873).

louvavel intenção com que foram promulgadas. Nenhuma disposição tendo sido tomada pela « Deutschen Zoologischen Gesellschaft » quanto ao grande numero de synonymos de muitas especies, que sobrecarregam o texto das obras de historia natural, julgamos que bem procediamos transferindo-os para as ultimas paginas e dando-lhe uma disposição que, crêmos, facilitará a consulta.

Julho de 1899.

Carlos Moreira.

NOTA — *As especies precedidas de um asterisco * não se acham representadas na collecção do Museu Nacional do Rio de Janeiro.*

ADDENDA

Pag. 61:

Lophactæa lobata (M. Edw., 1834).

Lophactæa lobata (M. Edw.), Miers, Challenger Brachyura, pag. 113, et synonyma.

Procedencia: Ilha Fernando de Noronha (Brauner, 1876), ou Plataforma-Bahia (R. Rathbun, 1876).

Pag. 83:

Munida erinacea (A. M. Edw.), Henderson, Challenger, Anomura, etc.

Pag. 85:

Pagurus arrosor (Herbst.), A. M. Edw. et Bouvier, Camp. Scient., du Prince Albert. 1^{er} de Monaco, fasc. XIII, Crust. Decap., pag. 54 (1899).

Pag. 94:

Ethusina abyssicola (Smith), A. M. Edw. et Bouvier, Camp., Scient. du Prince Albert 1^{er} de Monaco, fasc. XIII, Crust. Decap., pag. 18 (1899).

Pag. 99:

Grapsus grapsus (L.), A. M. Edw. et Bouvier, Camp. Scient. du Prince Albert 1^{er} de Monaco, fasc. XIII, Crust. Decap., pag. 37 (1899).

NOTA — Só muito tarde nos foi possível consultar a « Revision of the Nomenclature of the Brachyura », publicada por M. Rathbun no v. XI dos Proceedings of the Biological Society of Washington e para isso foi preciso que a adquirissemos por compra, por não a ter recebido a bibliotheca do Museu. Por esta publicação vê-se que M. Rathbun propoz com uma differença de 42 dias a seu favor, contra Ortmann, a designação *Ucides* para o genero *Uca* de Latreille (9 de junho de 1897), tendo Ortmann, sómente em 20 de julho proposto a de *Oedipleura*.

Quanto á substituição de *Panopeus* por *Eurypanopeus*, por ser *Panopeus* um « nomen præoccupatum » (*Panopea*, Ménard, Ann. Mus., Paris, IX, 135 «1807»), não vemos nisso grande vantagem, pois que *Panopeus* não é propriamente o mesmo que *Panopea*, como Antonius não é o mesmo que Antonia e Marius que Maria e não se prestam á confusão.

O paragrapho das « Regeln für die Wissenschaftliche Benennung der Thiere, der Deutschen Zoologischen Gesellschaft » que autorisa taes mudanças, é bem claro :

§ 24. *Innerhalb des Thierreiches darf der gleiche Gattungsname nur einmal vorkommen. Unzulässig ist auch ein Gattungsname, der schon als Name einer Untergattung eingeführt ist.*

As especies descobertas pela expedição do Albatroz e estudadas por Miss Mary Rathbun (Proc. U. S. Nat. Museum, Washington, v. XXI, pag. 567 (1899), foram intercaladas neste trabalho, quando já estava em mão do impressor, por termos recebido muito tarde este volume, 3 de abril de 1900.

CRUSTACEOS

THORACOSTRACEOS

STOMATOPODES

SQUILLIDÆ:

Os Squillideos são vulgarmente conhecidos por: *Tamburulácas*.

Gonodactylus, Latreille, 1823.

* *Gonodactylus falcatus* (FORSKÆL, 1775).

Esta especie não se acha representada na collecção do Museu Nacional. Incluimol-a em o numero das especies de Crustaceos proprios da costa do Brazil, baseados na opinião de S. J. Smith, que, embora ponha em duvida a identidade dos exemplares colligidos pelo Prof. Hartt em Abrolhos e Caravellas — Estado da Bahia — com o *G. falcatus* do antigo continente, reconhece, entretanto, que não differem da especie propria das Antilhas e Florida, que B. Sharp considera como *G. falcatus* e, segundo este naturalista, vive em todos os mares. Payne Bigelow apenas nota pequenas differenças entre exemplares procedentes do Oceano Pacifico e da costa oriental da America, o que, em nossa opinião, apenas autorisariam a considerar os desta ultima procedencia como variedade e não como especie bem caracterizada.

Não tendo podido consultar a « Fauna orientalis » de Forskael, aceitamos como provada a reivindicação da preferencia que tem a designação especifica, baseando-nos na opinião de Benjamin Sharp.

Lysiosquilla, Dana, 1832.

Lysiosquilla scabricauda (LAMARCK, 1818).

Procedencia dos specimens existentes na collecção do Museu Nacional: Rio de Janeiro e S. Francisco (Estado de Santa Catharina).

Encontra-se esta especie nas costas americanas do Oceano Atlantico, desde Charleston (Gibbes), até S. Francisco, no Estado de Santa Catharina (Brazil); desta ultima localidade possui o Museu Nacional um bello exemplar do sexo masculino, de 0^m,250 de comprimento — do bordo anterior do casco á extremidade do telson.

Segundo Miers, a especie descripta por Herklots como *Squilla Hœveni* e procedente da costa occidental da Africa, é identica a esta, o que vem provar que sua área de dispersão estende-se a todas as costas americanas e africanas de iguaes latitudes, banhadas pelo Atlantico.

Claus dá a *Lysiosquilla scolopendra* (Latr.) *Coronis scolopendra* Latr, como do Brazil, (Grundzöger der Zoologie v. I, pag. 610 (1880); esta asserção é, entretanto, si não infundada, ao menos problematica, pois nem M. Edwards (Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 53, (1837), nem Miers (Ann. and Mag. of Nat. Hist. (3) V. v, pag. 9 (1880) garantem-lhe essa procedencia, inclinando-se antes a crer que Lalande a tenha obtido na ilha da Madeira e reunido a outros Crustaceos colleccionados no Brazil.

Squilla, Fabricius, 1798.

Squilla dubia MILNE EDWARDS, 1837.

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie no Oceano Atlantico, tomando-se como pontos de referencia as localidades extremas, ao Norte e ao Sul da costa oriental da America, em que foi encontrada, alcança ao Norte Charleston e ao Sul Rio de Janeiro.

O *habitat* desta especie não se acha circumscripto somente ao Oceano Atlantico; mas encontra-se tambem no Oceano Pacifico, como ficou provado pelo exemplar obtido pelo Dr. W. U. Jones, da marinha norte-americana, em Guayaquil, Equador, ¹

Os Snrs. E. J. Miers e Robert Payne Bigelow mantêm-se em duvida sobre a identidade da *S. dubia* de Milne Edwards com a *S. rubrolineata* de Dana; de facto, a diagnose de M. Edwards é insufficiente e já em 1872 von Martens fizera-o sentir, considerando-a, entretanto, provavelmente identica a *S. rubrolineata* de Dana.

O unico processo seguro para chegar-se a um resultado incontestavel; seria o da comparação de verdadeiros exemplares da *S. rubrolineata* com o typo da *S. dubia*, que deve existir no Museu de Paris; mas na falta deste podemos tambem chegar a uma conclusão logica, comparando attentamente os textos das diagnoses existentes da *S. scorpio* a que M. Edwards refere a sua diagnose da *S. dubia* com a desta e a da *S. rubrolineata*.

M. Edwards, descrevendo a *S. nepa* ², compara-a á *S. mantis*; confrontando as diagnoses, vê-se que o caracter que este naturalista assignala como essencial da *S. mantis* é o seguinte: « abdomen s'elargissant vers le bout et presentant en dessus huit rangées longitudinales de petites crêtes, saillantes ». Descrevendo a *S. nepa*, diz: « espèce extrêmement voisine de la précédente (*S. mantis*) » e mais,

¹ R. Payne Bigelow, Proceedings of the U. S. National Museum, vol. XVII, pag. 518 (1894.)

² Histoire naturelle des Crustacés, v. II, pags. 520 — 523 (1837).

«abdomen et pates cheliformes comme dans la *S. mantis*», e tomando como caracteres distinctivos da *S. nepa* os que o casco apresenta, diz: «son bord postérieur, garni d'une dent mediane dirigée en arrière et de forme triangulaire.»

Sobre a *S. scorpio* diz: «cette espèce très voisine de la précédente (*S. nepa*) s'en distingue par la disposition de l'abdomen; les deux crêtes dorsales (refere-se, evidentemente a duas das 8 que possui) sont à peine marquées, le penultième anneau est garni en dessus de six eminences arrondies qui ressemblent à des gros tubercules allongés plutôt qu'à des crêtes (cristas sem aresta viva). La crête mediane du dernier segment est très grosse et obtuse; les six grosses dents marginales sont surmontées chacune d'un renflement piriforme et obtus, enfin il n'existe que quatre petites dentelures entre les grosses dents moyennes et trois ou quatre dentelures entre chacune de celles-ci et les suivantes (caracter proprio da *S. rubrolineata*). Il est aussi a noter que la portion mediane du bord postérieur de la carapace est droite et depourvue de dents et que les griffes ne sont armées que de cinq dents.»

Miers, á pag. 18 do vol. V da V serie, 1880, dos Annals and Magazine of Natural History, descrevendo a *S. scorpio*, observa o seguinte: In adult males the carinae of the penultimate post abdominal segment and the median carina and marginal teeth of the terminal segment are considerably thickened. This peculiarity is not observable in a female (apparently adult) and two younger individuals in the Museum collection. Ficam, pois, *les eminences arrondies*, de Milne-Edwards, que v. Martens¹ tomou ao pé da letra, reduzidas a simples cristas (carinae) grossas e obtusas e que parece não se apresentarem commummente sob esse aspecto nos individuos dos dous sexos.

Completando-se com estes elementos a deficiente diagnose de Milne-Edwards, vê-se que a *S. dubia* possui os seguintes caracteres essenciaes: Oito cristas na face dorsal de cada segmento post-abdominal, que, segundo Miers, prolongam-se posteriormente em pontas, as do 6º segmento e as do 5º, excepto as submedianas; as cristas são mais fortes do que as da *S. scorpio*; 4 dentes entre os grandes dentes submedianos e 3 ou 4 entre estes e os seguintes (este caracter constitue uma media do numero de dentes, commum á *S. scorpio* e á *S. dubia*; dactylos dos chelipedes providos de 6 dentes; vê-se, pois, que estes caracteres correspondem perfeitamente aos da *S. rubrolineata*.

Sem hesitar, portanto, consideramos, seguindo o exemplo de B. Sharp, a *S. rubrolineata* de Dana synonymo da *S. dubia* de M. Edwards.

A *S. mantis* de Desmarest, que tem sido considerada synonymo da *S. rubrolineata*, não é mais do que a verdadeira *S. mantis* Rond., como passamos a provar.

Comparando as diagnoses de M. Edwards e Desmarest,² vê-se que este naturalista refere-se evidentemente á *S. mantis* Rond; os caracteres que Desmarest dá são communs á *S. mantis* Rond. e M. Edwards e á *S. dubia*.

¹ Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. 1, pag. 146 (1872).

² Desmarest, Consid. sur les Crust. pag. 250 (1825).

Tendo Desmarest deixado de mencionar os caracteres que distinguem as duas especies, só nos resta um recurso para verificarmos a qual o autor se refere e que vem a ser, a procedencia e o colorido.

Até hoje, só se tem obtido exemplares da *S. dubia* das costas orientaes da America e ultimamente um exemplar de Guayaquil (costa occidental da America do Sul), a procedencia que Desmarest dá para a *S. mantis*, que elle descreve, é o Mediterraneo, que tambem é a da *S. mantis* Rond.

O colorido que Desmarest assignala como proprio da *S. mantis* não é de modo algum o da *S. dubia*; mas sim o da *S. mantis* Rond., como se póde ver pela comparação do colorido das duas especies:

S. dubia M. EDWARDS

» *rubrolineata* DANA

Colorido geral verde com tons amarellados produzidos pela combinação de um ponteadado cerrado d'estas duas côres; cristas do casco e post-abdomen e as series de pontos que ladeam a crista central do telson carmesim; dactylo dos chelipedes, verde claro; propode azul na sua extremidade distal, côr que vai desmaiando até á sua extremidade proximal; orla dentada e crista central do telson azul violeta; cilios das palhetas terminaes dos appendices cephalicos, thoracicos e abdominaes laranja; cornea parda; palhetas terminaes dos uropodes roseas.

O colorido dos exemplares da *S. dubia*, que temos podido observar (recentemente pescados), concorda perfeitamente com o da *S. rubrolineata*, dado por Dana, ao passo que o colorido da *S. mantis* de Desmarest refere-se evidentemente ao da *S. mantis* Rond. (vide M. Edwards Crust, in Cuvier, Règne Animal pl. LV. fig. 1)

Dando-se a hypothese provavel que a estampa do « Règne Animal » tenha sido feita por um exemplar em alcool, o resultado do paralelo é identico; nos exemplares em alcool da colleccão do Museu não se nota vestigio algum das manchas do telson, que se acham bem definidas na estampa do « Règne Animal ».

Resta-nos, em ultima analyse, a estampa que acompanha a obra de Desmarest e representa a *S. mantis*. A' primeira vista, ella assemelha-se a exemplares da *S. dubia* que tenham permanecido pouco tempo em alcool, mas não póde este facto servir de argumento, porque o desenho, tendo sido executado de perfil, não nos faculta a contagem dos dentes terminaes do telson, que, seja dito de passagem,

S. mantis DESMAREST

De um branco nacarado com tons azulados e violeta; pernas verde mar, duas manchas azues violeta sobre o ultimo segmento abdominal (tradução).

foram desenhados muito exageradamente grossos e os processos lateraes dos tres primeiros segmentos thoracicos descobertos não representam os da *S. dubia*.

Baseando-nos no que acabamos de expor, deixamos de considerar a *S. mantis* de Desmarest como synonymo da *S. dubia*, M. Edwards.

Squilla prasinolineata DANA, 1852.

Os exemplares da collecção do Museu Nacional são de Pernambuco, Bahia ou Rio de Janeiro. Não encontramos indicação alguma de localidade certa, mas presumimos que provenham de uma das localidades acima indicadas, por se acharem no mesmo local com crustaceos daquellas procedencias.

Os specimens do Museu Nacional, que são incontestavelmente da *S. prasinolineata* Dana, apresentam os caracteres da *S. dufresni* Leach (Miers) e aos da especie que Miers classifica com hesitação como *S. prasinolineata*; os tres segmentos thoracicos descobertos nos exemplares do Museu Nacional constituem um termo médio entre os da *S. dufresni* e da *S. prasinolineata*, comparados com os das estampas que acompanham a obra de Miers, o numero de dentes entre os dentes maiores submedianos do telson, parece muito variavel, como se dá com a *S. dubia*; em um dos exemplares existem cinco destes dentes e em outro quatro e a crista mediana do casco, tanto é bipartida posteriormente á sutura cervical, como na sua parte anterior (indistinctamente).

O Sr. Bigelow — Proc. of the Nat. Mus., Washington, pag. 521 (1894) diz que, segundo Ives, a especie que Miers descreveu como *S. prasinolineata* Dana?, deveria ser descripta sob outra designação. Não somos desta opinião; os caracteres que Miers dá como proprios da especie que elle descreveu não justificariam de modo algum considerá-la uma especie bem definida, diferente da *S. prasinolineata* Dana: apontal-a como uma variedade é o mais que se poderia fazer.

Embora a designação de Leach seja anterior á de Dana, o direito á prioridade cabe incontestavelmente a este ultimo. Miers só veio a ter conhecimento da designação que Leach deu a esta especie por uma etiqueta collocada por este naturalista em um exemplar do Museu Britannico e a designação especifica da Leach ainda não tinha sido justificada por uma descripção ou figura, quando Dana descreveu e figurou esta especie.

Observação:— Já tínhamos escripto as notas sobre os Stomatopodes e Decapodes Brachyuros e Anomuros, quando tivemos occasião de consultar o trabalho, do Sr. E. Ives, publicado nos Proc. of the Acad. of Nat. Sc. of Philadelphia, de 1891; em alguns pontos chegamos ás mesmas conclusões que o Sr. Ives, embora muito posteriormente, e julgamos que não haveria conveniencia em alterar as nossas notas.

O Sr. Ives obteve um exemplar desta especie, de pequenas dimensões e do sexo feminino, do Porto de Silam no Yucatan.

PODOPHTHALMOS

SCHIZOPODES

MYSIDÆ:

* *Macromysis gracilis* DANA, 1852.

Rio de Janeiro (DANA)

* *Rachitia spinalis* DANA, 1852.

Oceano Atlantico, ao largo da Bahia do Rio de Janeiro (DANA)

DECAPODES

MACRUROS

SERGESTIDÆ:

Lucifer, J. V. Thompson, 1829.

* *Lucifer acicularis* DANA, 1852.

Bahia do Rio de Janeiro (DANA)

PENÆIDÆ:

Designação vulgar: *Camarão*

Penæus, Fabricius, 1798

Penæus braziliensis LATREILLE, 1817.

Procedencia : Pernambuco

Commum em toda a costa do Brazil, apparece no mercado do Rio de Janeiro em grande abundancia.

A sua zona de dispersão abrange na região atlântica a costa ocidental da África e oriental da América de iguaes latitudes.

Penæus setiferus (LINNÆUS, 1766).

Procedencia: Pernambuco, Rio de Janeiro

Como a anterior, esta espécie é muito commum em toda a costa do Brazil e apparece em grande quantidade no mercado do Rio de Janeiro.

A zona de dispersão desta espécie, pelo que se pôde deprehender das unicas localidades onde tem sido encontrada, limita-se á costa oriental da América desde Charleston até aos Estados do Sul do Brazil.

Admittindo-se como exacta a procedencia (côtes du departement de la Vendée Cons. Crust., pag. 225) que Desmarest dá para o *Penæus orbignyianus* Latr., que é synonymo desta espécie, sua area de dispersão tenderia a ser identica á da espécie anterior; mas, até ultteriores averiguações, mantemos a que acima assignalamos como propria do *Penæus setiferus* L.

* *Penæus kröyeri* HELLER, 1862.

Rio de Janeiro (Heller), Caravellas — Bahia — (S. Smith)

Benthescycymus, S. Bate, 1881

* *Benthescycymus braziliensis* S. BATE, 1881.

Oceano Pacifico e Atlantico, ao largo da costa do Brazil, á profundidade de 110 a 2440 toezas (fathoms).

* *Artemesia longinaris* S. BATE, 1888.

Ilha Fernando de Noronha e Montevideo (S. Bate); Republica Argentina, mar del Plata, Bahia Blanca (C. Berg.)

Sicyonia, Milne Edwards, 1830

Sicyonia carinata (OLIVIER, 1811).

Procedencia: Rio de Janeiro

O Sr. Walter Faxon (Memoirs of the Mus. of Comp. Zool. at Harvard College, Cambridge, U. S. A. v. XVIII, pag. 179, 1895) adoptou definitivamente a classificação proposta pelo Sr. Miers *Sicyonia edwardsi* (Ann. and Mag. of Nat. Hist. (V), 8, pag. 367, 1831) em substituição á de Olivier — *Sicyonia* [*carinata*, por já ter sido esta ultima designação applicada anteriormente por Olivi (Zoologia Adriatica) á espécie que M. Edwards classificou de *S. sculpta*.

M. Edwards (Ann. des Sc. Nat. I ser. v. XIX, pag. 340), embora julgue provavel que o *Cancer carinatus* de Olivi seja identico á *Sicyonia sculpta*, preferiu descrevel-a e figural-a sob esta ultima designação pela simples razão que os caracteres que Olivi dá como proprios do *Cancer carinatus* (refere-se sómente á estampa) não correspondem aos que a *S. sculpta* apresenta. Miers tambem não dá como resolvida a perfeita identidade das duas especies, pois que, tratando desta questão, diz «*If as appears to be the case, Olivi's name. etc.*» e prefere continuar a adoptar a terminologia geralmente acceita.

Póde bem ser que a estampa da obra de Olivi, a que se refere M. Edwards, tenha sido mal executada, o que realmente dá-se com as de outras obras de autores seus contemporaneos; mas, como não temos em mão a Zoologia adriatica de Olivi, nada podemos dizer a respeito e preferimos continuar a adoptar a classificação de Olivier (M. Edwards).

Gennadas, S. Bate 1881

* *Gennadas parvus* S. BATE, 1881.

Pernambuco, a 675 braças de profundidade (S. Bate).

ATYIDÆ:

Atyoida, Randall, 1839

Atyoida potimirim FRITZ MÜLLER, 1881.

Procedencia: Jacarépaguá (Rio de Janeiro) Iguape (S. Paulo).

A área de dispersão desta especie, a julgar-se pelas localidades onde foi encontrada, é ainda muito restricta; rio Itajahy (Estado de Santa Catharina), Fritz Müller; perto de S. Sebastião (Estado de S. Paulo) H. v. Ihering, Ortman; pescamos exemplares desta especie em um riacho em Jacarépaguá, localidade não muito distante do Rio de Janeiro e o naturalista viajante do Museu Nacional, Santos Lahera pescou alguns exemplares em Iguape (S. Paulo), na fonte dos Marinheiros.

PANDALIDÆ:

Plesionika, S. Bate, 1888

* *Plesionika uniproducta* S. BATE, 1888

Pernambuco, Barra Grande, á profundidade de 350 braças (S. Bate).

Nothocaris, S. Bate, 1888

* *Nothocaris geniculatus* (A. M. EDWARDS, 1883)

Barra Grande, a 350 braças (S. Bate).

ALPHEIDÆ:

Alpheus, Fabricius, 1878*Alpheus heterochelis* SAY, 1818

Procedencia: Abrolhos (Bahia) Hartt; Rio de Janeiro

Encontramos exemplares desta especie na bahia do Rio de Janeiro, em esponjas e em madeiros podres e carcomidos.

A sua área de dispersão abrange as costas da Carolina do Sul, archipelago das Bermudas e Bahamas, golfo do Mexico, costas da America do Sul banhadas pelo Atlantico, até Rio de Janeiro e no Oceano Pacifico as costas da California e da America central.

O Sr. B. Sharp considerará o *Alpheus aequidactylus* de Lockington,¹ como synonymo desta especie; não somos da opinião daquelle naturalista, pois Lockington descrevendo o *A. aequidactylus* diz: «Front trirostrate, without sulcus between rostrum and ocular spines; the latter short, not greatly in advance of the eyes the former extending slightly beyond first joint of antennular peduncle», ao passo que no *A. heterochelis* os sulcos ou depressões entre o rostrum e os olhos são bem accentuados.

Lockington só teve como material para estudar e descrever a sua especie um exemplar secco e em mau estado; póde bem ser que os sulcos entre os olhos e o rosto tenham desaparecido pela dessecção, ou uma anomalia que apresentava o exemplar que este naturalista teve á sua disposição, mas, na duvida, conscienciosamente não podemos considerá-lo synonymo do *A. heterochelis* Say.

* *Alpheus malleator* DANA, 1852

Rio de Janeiro? (Dana).

* *Alpheus minus* SAY, 1818

Rio de Janeiro? (Dana), Bahia—ao largo—(S. Bate).

Esta especie e a anterior não se acham representadas na collecção do Museu Nacional. Dana classificando exemplares de *A. minus* Say, como especie nova, sob a designação de *A. tridentulatus*, dá-os como do Rio de Janeiro, porém em duvida.

Tanto na reivindicação da preferencia que tem a classificação de Say sobre a de Dana, como quanto aos synonymos que citamos, fazemol-o baseando-nos na opinião de B. Sharp (Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., part. I, pag. 114 (1893).

¹ Ann. and Mag. of Nat. Hist. (5), v. I, pag. 472 (1878).

* *Alpheus intrinsecus* S. BATE, 1888.

Bahia — ao largo, á profundidade de 7 a 20 braças (S. Bate).

HOPLOPHORIDÆ:

Acanthephyra, A. Milne Edwards, 1881.

* *Acanthephyra edwardsi* S. BATE, 1888.

Ao sul de Pernambuco, a 770 braças (S. Bate).

Hymenodora, G. O. Sars, 1877.

* *Hymenodora mollis* (S. SMITH 1883).

Pernambuco — ao largo — a 675 braças de profundidade (S. Bate).

Notostomus, A. Milne Edwards, 1881

* *Notostomus brevirostris* S. BATE, 1888

Pernambuco a 675 braças de profundidade (S. Bate).

HIPPOLYTIDÆ:

Hippolyte, Leach, 1815

* *Hippolyte exilirostratus* DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana)

* *Hippolyte obliquimanus* DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana)

Amphiplectus, S. Bate, 1888

* *Amphiplectus depressus* S. BATE, 1888.

Pernambuco, Barra Grande, — ao largo, a uma profundidade de 350 braças (S. Bate).

PALÆMONIDÆ:

Leander, Desmarest, 1849

Leander paulensis ORTMANN, 1897.

Procedencia : Boa-Viagem, bahia do Rio de Janeiro.

A collecção do Museu Nacional possui 6 exemplares, que pescamos na cavidade de um rochedo, onde havia agua salgada, que só se renovava com a maré cheia.

Dos seis exemplares que podemos estudar, sómente um, uma femea, de 0^m.038 de comprimento (da extremidade do rostro á extremidade do telson) apresenta a formula dos dentes do rostro, que o Sr. Ortmann dá como característica desta especie; quanto aos caracteres proprios do segundo par de pernas, todos seis exemplares apresentam-nos, menos o que se refere ao comprimento relativo do dactylo e da palma. Ortmann diz: « o dedo delgado é tão comprido como a palma, e os exemplares do Museu Nacional apresentam-no mais curto do que a palma »; mas não é este um caracter bastante para considerarmos os exemplares do Rio de Janeiro como uma especie differente da de S. Paulo. O que podemos concluir d'estas e d'outras pequenas differenças, é que a especie é bastante variavel e não seria desprovida de interesse a comparação d'esta especie com outras do mesmo genero, que se lhe approximem, proprias de outras costas e outros mares.

Pelas formulas que achamos para os rostros dos seis individuos que estudamos, que foram encontrados juntos na mesma cavidade do rochedo e que quando vivos apresentavam o mesmo colorido, ver-se-á quão variavel é o numero de dentes da crista superior e inferior do rostro e, portanto, o espaço que conservam entre si.

1 ♀ de	32	milim.	de	comprim.	$\frac{10}{3}$
1 ♀ »	35	»	»	»	$\frac{8}{3}$
1 ♀ »	38	»	»	»	$\frac{11}{5}$
1 ♂ »	26	»	»	»	$\frac{2}{3}$
1 ♂ »	31	»	»	»	$\frac{10}{3}$
1 ♂ »	34	»	»	»	$\frac{10}{3}$

A forma do rostro e a disposição dos dentes na sua crista superior e inferior, no individuo que apresenta a mesma formula de Ortmann, concordam com a estampa que acompanha a sua monographia.

O numero de segmentos soldados e livres dos appendices filiformes terminaes externos das antennulas, concorda com os do *Leander paulensis* Ortm.

Emfim, devemos dizer que os exemplares que estudamos apresentavam um palpo bem desenvolvido na mandibula.

Leander potitinga ORTMANN, 1897

Procedencia: Mauá, Bahia do Rio de Janeiro.

Pescamos varios exemplares d'esta especie na embocadura de um pequeno rio em Mauá, na agua salobra. Existe tambem na colleção do Museu um exemplar, procedente, cremos, do Norte do Brazil.

O numero de dentes da crista superior e inferior do rostro, é mais constante nesta especie do que na precedente, e corresponde perfeitamente á formula que dá Ortmann.

O palpo da mandibula é mais desenvolvido n'esta especie que na precedente.

Consideramos esta especie de Ortmann e não de Fritz Müller, por ter sido aquelle naturalista o primeiro que a descreveu, tendo Fritz Müller sómente citado-a sem descrevel-a nem figural-a.

Palæmon, Fabricius, 1798

Designações vulgares: *Pitú*, *Camarão d'agua doce*, *Lagosta d'agua doce*.

* **Palæmon amazonicus** JELLER, 1862

Ortmann diz que, sem duvida, esta especie encontra-se em todo o territorio do Amazonas, desde a embocadura do rio d'este nome, até os Andes, no Perú, (rio Huallaga) e no Equador (rio Ponte), tambem no rio Oyapock (Guyana franceza), Surinann e colonia Risso, Rio Apa no alto Paraguay (Nobili).

Palæmon acanthurus WIEGMANN, 1836.

Procedencia : Pernambuco.

Possue o Museu Nacional grande quantidade de exemplares d'esta especie, procedentes de Pernambuco; sua área de dispersão, porém, estende-se a toda a costa do Brazil, desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Vive de preferencia na agua doce, na embocadura dos rios e nas lagôas e riachos proximos do littoral.

Ortmann diz que esta especie encontra-se occasionalmente na agua salgada, e Ihering affirma que na Bahia é pescada no mar e vendida no mercado para consumo.

O numero de dentes da crista superior e inferior do rostro é muito constante; sua fórmula, porém, varia bastante, principalmente nos individuos jovens, sendo ora tão longo, ora mais curto que as palhetas das antenas externas, ora quasi rectilíneo, ora curvado mais ou menos para cima e muitas vezes mutilado.

Os chelipedes das femeas são mais curtos delgados e menos providos de feltro no dactylo e parte distal do propode que os dos machos.

Ortmann e Ihering dão como muito provavel que o *P. borellii*¹ seja synonymo d'esta especie; somos da mesma opinião e aguardamos que a questão seja resolvida definitivamente.

* *Palæmon nattereri* HELLER, 1862.

Habitat: Rio Negro (Brazil) rio S. Lourenço (Guyana), valle do rio Zamora e valle do rio Santiago, Pozzanghere — no Equador — (Nobili).

Palæmon jamaicensis (HERBEST, 1796).

Procedencia: Piahy (rio Piahy), Rio de Janeiro (n'um riacho em Jacarépaguá).

Dos Palæmonídeos da America esta é uma das especies, cuja área de dispersão está melhor conhecida, e é uma das especies de Decapodes communs á costa occidental da Africa e á America.

Na America do Sul tem sido encontrada, no Brazil, Equador, Venezuela; na America central e do Norte, no Panamá, Nicaragua, Guatemala, nas aguas doces da costa oriental do Mexico e nas da costa occidental até á California; vive tambem nas Antilhas, na Dominica, S. Martinho, Haiti, Cuba e Jamaica; e na Africa occidental, nos rios Congo, Coanza e Niger, em Kamerum e na Liberia.

Desta especie possui o Museu Nacional grande quantidade de exemplares, colligidos no Estado do Piahy pelo Prof. Rathbun, membro da commissão dirigida por C. F. Hartt.

Os exemplares de maiores dimensões attingem 0^m,170, da extremidade do telson á extremidade do rostro; com estes grandes exemplares que são todos do sexo feminino, encontramos grande porção de pequenos individuos, que, á primeira vista, parecem differentes, mas, por um exame acurado, verificamos serem pequenos exemplares desta especie. Entretanto, faremos sobre elles algumas considerações que o estudo detido e o confronto nos suggeriram.

O rostro dos pequenos exemplares tem a mesma forma que o dos grandes; o numero de dentes da crista superior e inferior oscilla entre $\frac{14}{3}$ e $\frac{15}{4}$ em poucos chega a $\frac{16}{4}$, predominando $\frac{14}{3}$; o segundo par de chelipedes é desigual, sendo ora o chelipe esquerdo, ora o direito o maior, em uns a differença de tamanho é bastante sensivel, em outros pouco. A desproporção entre os dous chelipedes do segundo par é mais sensivel nos machos do que nas femeas, facto este que se observa tambem nos individuos de grandes dimensões; o carpo do chelipe maior é pouco mais curto que a palma e no chelipe menor pouco mais longo do que esta, estabelecendo-se a proporção entre o carpo e a palma dos individuos de pequenas dimensões e os dos de grandes, vê-se, que nestes ultimos o carpo é muito menor que a palma, ao passo que naquelles o carpo é quasi do mesmo

¹ Giuseppe Nobili, Viaggio del Dr. A. Borelli, Republica Argentina, Crostacei decapodi. Bolletino dei Musei di Zool. ed Anat. comp. di Torino, v. XI n. 265, 1896.

tamanho que a palma, sendo pouco menor do que esta no chelipede maior e pouco maior no menor; a superfície destes é coberta de espinhos curtos e curvos, que são maiores na parte de flexão do órgão; apresenta também muitos pellos bastante longos e a palma do chelipede maior é guarnecida de feltro bastante denso nas suas faces interna, inferior e externa, até ao sulco que corre paralelo ao bordo superior; o feltro da palma desaparece quando estes Decopodes atingem maiores proporções. O que nos auctorisa a assim pensar é a ausencia de feltro nos individuos grandes que possuímos, que apresentam, entretanto, o sulco paralelo ao bordo superior da palma que constitue o limite da área em que este existe nos individuos pequenos.

O bordo posterior do telson, nos individuos grandes é obtuso, arredondado e nos pequenos termina em ponta pouco saliente, mas nota-se em exemplares já bastante desenvolvidos tendencia para o embotamento da ponta.

As femeas de 0,^m055 de comprimento já se acham carregadas de ovos; facto identico dá-se com o *Astacus fluviatilis*,¹ cujas femeas com 0^m,051 já se apresentam carregadas de ovos, attingindo o *Astacus fluviatilis*, como o *Palæmon jamaicensis*, 0^m,210 de comprimento (existe na collecção do Museu Nacional um exemplar do *Palæmon jamaicensis*, que mede exactamente 0^m,210 de comprimento, da extremidade do rostro á do telson).

Estes pequenos individuos do *Palæmon jamaicensis* correspondem provavelmente aos *P. aztecus* e *P. consobrinus* de Saussure, como também ao specimen a que se refere S. J. Smith, á pag. 24 do v. II das Trans. Conn. Acad. (1873).

As dimensões destes exemplares oscillam entre 0^m,070 e 0^m,050 da extremidade do rostro á do telson.

Palæmon potiuna FRITZ MÜLLER, 1892.

Procedencia : Rio de Janeiro (n'um riacho em Jacarépaguá), Casal, Ponte Nova e em Mauá, (Estado do Rio de Janeiro).

Desta especie de que até hoje só se tinha obtido exemplares do Estado de Santa Catharina (do rio Itajahy e de Joinville), pescamos grande quantidade em um riacho pouco profundo e pouco caudaloso, em Jacarépaguá, e no Casal (Estado do Rio de Janeiro), no rego que conduz agua para o engenho e que recebe-a de um affluente do rio Parahyba, obtivemos outros exemplares de Ponte Nova no mesmo Estado, pescados em um affluente do Parahyba; em Mauá encontramos esta especie na valla que corre ao lado da linha da Estrada de Ferro Leopoldina.

E' provavel, entretanto, a não ser que se admitta a concentração em Estados distantes, que viva pelo menos nos Estados de S. Paulo e Paraná, que se acham entre os dous Estados em que foi encontrado até hoje. .

¹ Th. H. Huxley (*L'Ecrevisse*), edição da Bibliothéque Scientifique internationale, pag. 24 (1880).

Palæmon iheringi ORTMANN, 1897.

Procedencia : Belém (Estado de S. Paulo.

Esta especie acha-se representada na collecção do Museu Nacional por exemplares typicos que nos foram cedidos pelo Dr. Hermann von Ihering, director do Museu do Estado de S. Paulo.

Ortmann dá para o numero de dentes do rostro a formula seguinte $\frac{9}{2}$; em 10 exemplares que examinamos encontramos as formulas seguintes.

4 exemplares.	$\frac{7}{2}$
2	»	$\frac{8}{1}$
2	»	$\frac{8}{2}$
1	»	$\frac{7}{1}$
1	»	$\frac{10}{1}$

Os exemplares que Ortmann estudou eram: um macho do Alto da Serra e uma femea do rio Tieté (S. Paulo).

Palæmon olfersi WIEGMANN, 1836 .

Procedencia: Rio de Janeiro, Serra da Bica, em Cascadura e Jacarépaguá.

Esta especie tem sido encontrada, até hoje nas Antilhas (Cuba, Dominica), na Venezuela (em Macuto, perto de la Guyara) nos E. U. da Columbia (no rio Sabana na provincia de Darien nas circumvizinhanças do golfo de S. Miguel, no golfo de Panamá, na costa do O. Pacifico (Nobili); no Brazil (Rio de Janeiro — Jardim Botânico, Serra da Bica, em Cascadura (suburbio do Rio de Janeiro) em Jacarépaguá (localidade não muito distante de Cascadura), no Estado de S. Paulo (na ilha de S. Sebastião, na agua salobra ou do mar (Ihering) no Estado da Bahia e no Estado de Santa Catharina, rio Itajahy (Fritz Müller); na Africa occidental — S. Thomé —.

A área de dispersão desta especie, comquanto não seja tão vasta, assemelha-se, entretanto, á do *P. jamaicensis*, pois que, como este, é uma especie commum á costa occidental da Africa e á America.

Campylonotus, S. Bate, 1888 .

* *Campylonotus capensis* S. BATE, 1888.

Pernambuco — ao largo, á 350 braças de profundidade (S. Bate).

GLYPHOCRANGONIDÆ:

Glyphocrangon, A Milne Edwards, 1884.

* *Glyphocrangon aculeata* A. MILNE EDWARDS, 1884.

Pernambuco — ao largo, á profundidade de 675 braças (S. Bate).

PARASTACIDÆ:

Parastacus, Huxley, 1878.

* *Parastacus pilimanus* (MARTENS, 1869).

Ed. von Martens obteve esta especie do Dr. Hensel, que a encontrou em Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul) e em Santa Cruz no alto rio Pardo, affluente do rio Jacuhy, em buracos cavados pelo animal, para refugio, no mesmo Estado.

Parastacus braziliensis (MARTENS, 1869).

Procedencia: Rio Grande do Sul.

Martens recebeu tambem os exemplares que serviram para classificar esta especie, do Dr. Hensel, que os obteve no Estado do Rio Grande do Sul, perto de Porto Alegre, em um riacho que corre sobre montanha fóra da cidade, como tambem do interior da região das florestas virgens, em poços e riachos pouco profundos.

PALINURIDÆ:

São vulgarmente conhecidos pela designação de *Lagosta*.

Senex, Pfeffer, 1881

Adoptamos o alvitre proposto por Pfeffer para substituir a designação *Panulirus* de Gray, pela de *Senex*.

Si o termo *Panulirus*, que não é mais do que um anagramma de *Palinurus*, tivesse alguma significação, poderia ser perfeitamente acceito e embora admitta-se que as designações, quer genericas, quer especificas, não teem outro valor que o de um nome de baptismo, não devem, entretanto, ser estas desprovidas de significação e, portanto, sem valor, e para impedir que se prosiga na pratica deste recurso para a obtenção de termos para a classificação das especies ou generos, pomos de parte, a exemplo de Pfeffer, a designação *Panulirus* de Gray e adoptamos a de *Senex*, que não é mais do que a traducção latina do termo com que, segundo De Haan, é designado no Japão (*Senex marinus*) o *Senex guttatus*.

Senex argus (LATREILLE, 1804)

Procedencia: Rio de Janeiro e Pernambuco.

A área de dispersão desta especie alcança ao norte as Antilhas e ao sul S. Paulo (ilha de S. Sebastião, Brazil (Ihering)).

Senex guttatus (LATREILLE, 1804)

Procedencia: Pernambuco.

Encontra-se esta especie na costa oriental da America do Sul, nas Antilhas e no Oceano Pacifico, como provou Pfeffer pela identificação do *Senex japonicus*, De Haan, com esta especie e pelo estudo de exemplares das ilhas Sandwich; foi tambem ultimamente encontrada em Porto-Grande, Archipelago do Cabo Verde (Benedict).

Esta especie, conforme a região que habita, apresenta caracteres secundarios constituindo formas locais que differem algum tanto umas das outras, o que levou alguns naturalistas a consideral-as como especies diferentes, Pfeffer e v. Martens, porém, estabeleceram os caracteres essenciaes desta especie, de fórma a poder-se reconhecer o *Senex guttatus* (Latr.) nas diversas variedades locais.

Senex laevicauda (LATREILLE, 1816-1819) (ESTAMPA I)

Procedencia: Pernambuco e Rio de Janeiro.

Existem na collecção do Museu Nacional cinco exemplares de diferentes tamanhos, de uma especie de *Senex*, que, pelos caracteres que apresentam, não podem ser, com segurança, considerados como nenhuma das especies até hoje bem definidas.

Em 1872, v. Martens descreveu uma especie do genero *Senex* de segmentos abdominaes não sulcados transversalmente, ¹ referindo-a em duvida ao *Senex ornatus* (Fabr.) por apresentar, o exemplar por elle estudado, os caracteres essenciaes do *Senex ornatus*, differindo sómente quanto ao colorido. Creio que v. Martens teve em mãos um exemplar da especie que possui o Museu Nacional do Rio de Janeiro, não me sendo, entretanto, possivel affirmar categoricamente a sua identidade, por não ter este naturalista mencionado a ausencia ou presença de palpo no terceiro par de maxillipedes (externos).

Nobili (Boll. Mus. Zool. ed Anatom. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 4, 1897) nada adianta á descripção de v. Martens, apenas refere-se ao colorido e, procurando identificar a sua especie (*Palinurus? martensi*) com a descripta por v. Martens, em duvida, como (*Panulirus*) *Senex ornatus* (Fabr.), ² considera-a differente do *P. ornatus*.

Nobili não completou a descripção de v. Martens, não diz se a sua especie possui ou não palpo (exopodite) no terceiro par de maxillipedes (caracter essen-

¹ Archiv für Naturgeschichte, 30 Jahrgang, erster Band, pag. 123 (66), 1872.

² v. Martens — *Palinurus* sp. (*ornatus*, Olivier ?)

cial para a determinação das espécies deste genero), e quasi no fim da sua nota sobre a sua especie diz:

Essa sarebbe in America l'unico representante dei PALINURUS subgen. Panulirus a segmenti non solcati, dedicando-a a v. Martens por ter sido este naturalista o primeiro a assignalar esta forma de segmentos abdominaes não sulcados, na America.

Nobili labora em erro, pois para verificar que o primeiro naturalista que assignalou uma especie do genero *Senex* de segmentos abdominaes não sulcados transversalmente, propria da America, foi Latreille que publicou uma diagnose (embora pouco completa) de uma especie da costa do Brazil, o (*Palinurus*) *Senex laevicauda*, basta consultar o v. II da Hist. Nat. Crust. de M. Edwards, pag. 301, 1837; Desmarest, Consid. Crust. pag. 186, 1825, ou a propria diagnose original de Latreille no Nouv. Dict. d'Hist. Nat., v. XVII, pag. 295.

Pfeffer em seu trabalho sobre os Palinurideos do Museu de Hamburgo, á, vista da confusão e insufficiencia das diagnoses existentes do *Senex sulcatus* (Lam.), *S. fasciatus* (Fabr.) e *S. ornatus* (Fabr.) estabeleceu uma especie typica *S. brevipes* Pfeffer, passando as especies acima citadas a serem synonymas do *S. brevipes* Pfeffer; o *S. sulcatus* (Lam.) não é mais do que uma variedade, como já suppunha M. Edwards, do *S. ornatus* (Fabr.) e Pfeffer considera o *S. fasciatus* (Fabr.) identico ao *S. ornatus* (Fabr.).

Pfeffer não tratou do *Senex laevicauda* (Fabr.) talvez por julgar a diagnose dada por Latreille e reproduzida por Desmarest e M. Edwards muito insufficiente.

Como se verá pela descripção abaixo, dos exemplares do Museu Nacional, não correspondendo os seus caracteres especificos aos do *S. brevipes* Pfeffer, nem podendo ser considerados variedades d'esta especie, torna-se necessario classificar-os, mas, para não introduzir uma designação nova, descrevemo-los sob a de *S. laevicauda*, por possuirem os caracteres, embora insufficientes, que Latreille dá como proprios desta especie e tambem por ser muito provavel que a especie que Latreille teve em mãos, devido a sua procedencia (*côtes du Brésil*), fosse identica á que possui o Museu Nacional.

Da costa do Brazil só existem na collecção as seguintes especies deste genero:

<i>Senex guttatus</i> (Latr.).	2 exemplares.
» <i>argus</i> (»).	2 »
» <i>laevicauda</i> (»).	2 »

Creio mesmo que o *S. laevicauda* é mais commum que o *S. guttatus* e o *S. argus*.

Testa aculeata; segmenta caudae non transversim sulcata quintum par maxillipedum palpo caret, quartum par palpo cum flagello multiarticulato munitum.

Flagello externo das antennulas provido de pellos em $\frac{1}{3}$ de seu comprimento, na face inferior.

Pedúnculos das antenulas quasi tão longos como o das antenas, ou mais longos do que o destas, de quasi todo o comprimento do ultimo segmento (notamos apenas esta differença de comprimento em um unico individuo ♂ de 0^m,310).

Anel antennal provido de quatro espinhos dispostos em quadrado, ás vezes entre elles existem um ou dois espinhos pequenos dispostos sem ordem.

3º par de maxillipedes (maxillipedes externos), completamente desprovido de palpo.

2º par de maxillipedes (maxillipedes médios) provido de palpo bem desenvolvido com o respectivo flagello multiarticulado.

Borda anterior do casco, entre os grandes espinhos post-oculares e os angulos lateraes, orlada de pequenos espinhos, pouco atraz destes estão collocados os dois grandes espinhos que existem commummente em outras especies, na borda do casco.

Borda anterior do epistoma munida de tres espinhos.

Os dois grandes espinhos curvos, post-oculares, menores do que os do *S. argus* e maiores do que os do *S. guttatus*.

Cephalothorax provido de espinhos que são em numero bastante consideravel na parte posterior do sulco cervical, entre os espinhos maiores existem pequenos espinhos que se transformam em tuberculos na parte latero-posterior do cephalothorax, os pequenos espinhos e tuberculos são guarnecidos na sua base de uma corôa de pellos.

O terceiro par de pernas é o mais longo, o primeiro alcança a extremidade do pedunculo das antenas e é mais grosso que os outros pares, o segundo par é mais longo que o primeiro e mais curto que o terceiro, o quarto quasi alcança a extremidade do propode do terceiro, o quinto apenas alcança o terço inferior do propode do quarto; o processo cheliforme do quinto par só é bem desenvolvido nas femeas, as differenças de comprimento e de grossura dos cinco pares de patas são muito mais sensiveis nos machos.

Os segmentos abdominaes são completamente desprovidos de sulcos transversaes.

Os lóbos lateraes dos segmentos abdominaes são arredondados na sua margem anterior, recurvados para traz, terminados em ponta e guarnecidos na parte posterior, em sua base, de um processo arredondado e orlado de pequenos espinhos.

A borda posterior do penultimo segmento abdominal é spino-dentada.

Os exemplares em alcool acham-se completamente descorados, e o colorido dos tres exemplares seccos é o seguinte:

a) 0,310 de comprimento da borda anterior do cephalothorax á extremidade posterior da pallieta central do ultimo segmento abdominal (telson).

Cephalothorax, — parte anterior e central do sulco cervical, verde escuro com pequenas pintas amarello claro, grandes espinhos post-oculares, vermelhos com pintas amarellas, parte posterior do sulco cervical vermelha no centro, tornando-se amarella para as partes lateraes, onde os espinhos e tuberculos conservam a côr vermelha, quasi nas bordas infero-lateraes ha uma zona amarello

claro, delimitada na parte superior por uma linha recta que encontra-se com o sulco cervical na altura do primeiro par de pernas, a extremidade dos espinhos é verde; os tres primeiros segmentos abdominaes são laranja na parte anterior, vermelhos na posterior e apresentam um alinhamento transversal muito regular, de pintas amarellas, paralelo e muito proximo da sua borda posterior, nos lóbos lateraes de cada segmento ha pintas amarellas, os outros segmentos apresentam o mesmo colorido, menos o vermelho e laranja da borda posterior e anterior, o seu colorido geral é verde escuro, conservando comtudo na borda posterior uma area transversal vermelho escuro, que é occupada pelo alinhamento de pintas amarellas; as pernas são listradas longitudinalmente de vermelho e na parte central destas listras ha ás vezes pintas amarellas; as palhetas dos appendices abdominaes são verdes ponteadas de amarelo.

b) 0^m,290 de comprimento; neste exemplar nota-se o colorido do anterior, mas como que mascarado pelo verde, que é a côr predominante.

c) 0^m,190 de comprimento; o colorido é identico ao do exemplar *a*, porém, mais desmaiado no abdomen; no cephalothorax predomina o vermelho desmaiado.

Nota

Pfeffer nas «Verhandlungen des Naturwissenschaftlichen Vereins von Hamburg (1881)» descreve á pag. 41 uma especie sob a designação de *Senex longipes*, o termo *longipes* deve ser substituido, por ser um «nomen præoccupatum», pois já em 1868 A. Milne Edwards o tinha applicado a uma especie do genero *Senex* de Zanzibar, veja-se; (Nouv Arch. du Mus. d'Hist. Nat. Paris, vol. IV., pag. 87, pl. 21, 1868).

SCYLLARIDÆ:

Designação vulgar: *Lagostim*.

Scyllarus, Fabricius, 1798.

Scyllarus æquinoxialis FABRICIUS, 1798.

Procedencia: Rio de Janeiro.

Esta especie tem sido encontrada desde Key West (Gibbes) até o Rio de Janeiro.

DECAPODES

ANOMUROS

GALATHEIDÆ:

Munida, Leach, 1820.

* *Munida stimpsoni* A MILNE EDWARDS, 1880.

Pernambuco « ao largo » a 350 braças de profundidade (Henderson), Antilhas (A. M. Edwards).

* *Munida miles* A MILNE EDWARDS, 1880.

Pernambuco « ao largo » a 350 braças de profundidade (Henderson), Antilhas (A. M. Edwards).

* *Munida spinifrons* HENDERSON, 1885.

Fernando de Noronha (Ilha) á profundidade de 7 a 25 braças (Henderson).

* *Munida erinacea* (A. MILNE EDWARDS, 1880).

Pernambuco « ao largo » a 350 braças de profundidade (Henderson).

Æglea, Leach, 1820.

Æglea lævis (LATREILLE, 1818).

Procedencia : Rio Grande do Sul.

A existencia desta especie foi pela primeira vez assignalada no Chile,¹ posteriormente tem sido encontrada na Republica Argentina, na do Uruguay e no Estado do Rio Grande do Sul, Brazil; em certas regiões, vive nos rios afastados da costa, em outras, porém, vive em rios não longe de beira-mar.

C. Berg² affirma que a *Æglea odebrechti*, Fritz Müller, é a mesma que a *Æglea lævis* (Latr.) e diz ter chegado a esta conclusão pela comparação de exemplares provenientes do Brazil com os do Chile, de Mendoza, de Buenos-Ayres e de Montevideo, creio, porém, que este naturalista não fez mais do que comparar

¹ Segundo v. Martens, o viajante Friedr. Sello doou, em 1831, ao Museu de Berlim exemplares desta especie, procedentes de Porto Alegre (Brazil).

² Ann. Soc. Entom. France, v. LXI, 4º trimestre, Bull., Octobre, pag. CCVI (1892-1893) e Comunic. Mus. Nac., Buenos-Ayres, v. I, n. 1, pag. 7 (1898).

exemplares da *Aeglea laevis* de diversas procedencias, entre si, e não exemplares authenticos da *Aeglea odebrechti* com os da *Aeglea laevis*, pois, neste caso, ousamos affirmar que não emittiria tal opinião, si não bastassem os caracteres especificos que o illustre naturalista Fritz Müller estabeleceu para distinguir a especie por elle descripta da de Latreille, a simples inspecção da estampa que acompanha o seu trabalho seria sufficiente para afastar qualquer hypothese de identidade das duas especies.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro possui grande quantidade de exemplares authenticos da *Aeglea odebrechti* que lhe foram remettidos pelo proprio Fritz Müller, e bastantes da *Aeglea laevis*; as duas especies constituem dous typos perfeitamente caracterisados, que se distinguem á primeira vista. Julgar os caracteres que distinguem as duas especies simples caracteres de variedades, importaria em supprimir muitas especies affins, que, até hoje, têm sido julgadas boas, mas cujos caracteres especificos têm menos valor que os que distinguem estas duas especies.

O cephalothorax da *Aeglea odebrechti* é mais largo em relação ao seu comprimento que o da *Aeglea laevis*; a superficie das regiões hepaticas e brancias daquella especie apresentam grande quantidade de depressões puntiformes, que dão-lhe um aspecto irregularmente rugoso; o rostro da *Aeglea odebrechti* é mais inclinado para baixo na base, recurvando-se para cima, do meio para a extremidade, o abdomen é mais longo e mais robusto na *Aeglea odebrechti* que na *Aeglea laevis*, o telson é maior, suas bordas lateraes são levemente curvas e as latero-posteriores, que são quasi rectas, convergem para a extremidade, simulando uma mitra com o vertice virado para a parte posterior, ao passo que na *Aeglea laevis* elle é regularmente semi-circular e relativamente menor, bem como os uropodes.

Os chelipedes das duas especies differem muito, o carpo na *Aeglea odebrechti* apresenta na sua face interna duas series semi-circulares de tuberculos conicos; a primeira serie supero-lateral é constituida por tuberculos pequenos e regulares e a segunda, que fica na borda interna, é constituida tambem por tuberculos conicos na parte posterior, que tornam-se mais longos da parte posterior para a anterior, os tres ultimos da parte anterior são verdadeiros espinhos, pussuindo ponta cornea, o penultimo tem o dobro do tamanho do antepenultimo e do ultimo, a *Aeglea laevis* não possui a serie supero-lateral de tuberculos, apenas apresenta geralmente tres espinhos grandes na borda interna, que vão augmentando de tamanho da parte posterior para a anterior, sendo o ultimo o maior.

A pinça, sobretudo, é bastante diferente nas duas especies, a da *Aeglea odebrechti* apresenta na parte interna da palma um processo lamellar semicircular muito desenvolvido, o dedo movel é quasi recto, a borda externa da pinça é convexa em todo comprimento da palma e concava na altura da metade do comprimento do dedo immovel, a face inferior da pinça apresenta tres cristas longitudinaes com pequenas depressões punctiformes, onde se implantam tufos de pellos, a primeira crista é parallelá á borda externa e prolonga-se até á extremidade do

dedo imóvel, a segunda termina na base d'este dedo e a terceira é paralela ás duas antecedentes e prolonga-se até á extremidade do dedo movel, a *Æglea lævis* não possui o processo lamellar semicircular, seu dedo movel é curvo e não adapta-se tão completamente ao imóvel como na *Æglea odebrechti* e as cristas da face inferior da pinça existem apenas vagamente indicadas.

O paralelo que acabamos de estabelecer entre as duas especies foi feito entre individuos do mesmo sexo e tamanho.

Em conclusão, os caracteres especificos proprios da especie de Fritz Müller são mais que sufficientes para justificar o modo acertado por que procedeu este illustre sabio, considerando-a differente da *Æglea lævis* (Latr).

Æglea intermedia CHARLES GIRARD, 1855.

Procedencia: Estado de Santa Catharina.

Charles Girard ¹ descreveu uma especie de *Æglea*, sob a designação especifica de *intermedia*, que não é mais que a *Æglea odebrechti* de Fritz Müller, cabendo áquelle naturalista o direito de prioridade. Consideramos a *Æglea odebrechti*, Fr. Müller, synonymo da *Æglea intermedia*, C. Girard.

Como a *Æglea lævis*, a *Æglea intermedia* vive no Chile, circumscrevendo-se, porém, sua área de dispersão ás regiões altas (rio Maypú, 2,000 m acima do nivel do mar — Girard —) e no Brazil no Estado de Santa Chatharina (em riachos da Serra do Mar — Fritz Müller).

A razão por que conservamos a classificação de Fritz Müller, quando estudamos comparativamente a *Æglea lævis* e esta, é facil de perceber-se; tendo C. Berg se referido á especie de Fritz Müller, precisavamos nos referir a ella, embora a considerassemos synonymo da de Girard.

CEENOBITIDÆ:

Cœnobita, Latreille, 1828.

* *Cœnobita diogenes* (LATREILLE 1818).

Antilhas (M. Edwards), Cuba (v. Martens), isthmo de Panamá (Streets), Porto Cabello (Nobili), Brazil (White).

PAGURIDÆ:

Petrochirus, Stimpson, 1859 (1858).

Petrochirus granulatus (OLIVIER, 1811).

Procedencia: Abrolhos (Bahia), Rio de Janeiro.

Encontra-se esta especie na Florida, nas Antilhas, em La Guayara — Venezuela (v. Martens), na Bahia e no Rio de Janeiro.

¹ U. S. Naval Astronomical Expedition to the Southern Hemisphere, Washington, v. II, pag. 255 (1855).

Pagurus, Fabricius, 1798.*Pagurus arrosor* (HERBST, 1796).

Procedencia: Costa Norte do Brazil.

Adoptamos a classificação de Herbst, por ser anterior á de Latreille, cabendo-lhe, portanto, a prioridade e fazemol-o baseando-nos no testemunho de M. Edwards e Lucas, que dão o *Canser arrosor* de Herbst como synonymo do *Pagurus striatus* de Latreille e convencidos pelo estudo do exemplar da collecção do Museu Nacional, a que procedemos, de accordo com a diagnose e estampa de Herbst.

O *Pagurus arrosor* vive no Oceano Atlantico, tendo sido primitivamente julgado como proprio do Atlantico oriental (costas da Europa — Mediterraneo —), mas vindo posteriormente sua área de dispersão a alargar-se com a descoberta nas costas da America das suas variedades: *Pagurus insignis* de Saussure e *P. petersi* A. M. Edwards.

O exemplar que existe na collecção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que é um individuo de pequenas dimensões, apresenta os caracteres propios do *P. arrosor*, faltando-lhe, entretanto, um dos caracteres que A. M. Edwards dá como essencial da variedade *petersi*, a depressão ao longo da face superior do dedo mo vel (dactylo) dos chelipedes, o que se nota no exemplar a que nos referimos é o espaço em nivel inferior, naturalmente deixado entre si pelas saliencias granuliformes guarncidas de pellos, que existem nestes orgãos, e que não podemos considerar propriamente como um sulco; á vista desta circumstancia, não podiamos de fórmula alguma referir o exemplar da collecção do Museu á variedade *petersi*, com a qual aparentemente mais se assemelha.

Pagurus loxochelis (NOV. SP.) (ESTAMPA II)

Procedencia: Bahia.

Muito concorreu para enriquecer a collecção carcinologica do Museu Nacional o abundante material colligido pelo Prof. Hartt, que teve sob sua direcção a commissão geologica do Brazil; entre os Pagurideos colligidos por esta commissão no Estado da Bahia, encontramos um exemplar, que, pelos caracteres que apresenta, nos fez hesitar por muito tempo em consideral-o, como podendo referir-se a algum dos generos existentes, pela ausencia de falsas patas sexuaes ficou desde logo restringido o numero de generos a que podiamos referil-o e d'estes só poderiamos fazel-o ao genero *Pagurus*, mas neste mesmo, em rigor não poderiamos incluil-o, á vista do caracter proprio do genero, que é ter o flagello das antenas externas n'ú, ao passo que no exemplar mencionado o flagello possui longos cilios na face infero-externa, mas á vista de duas especies de *Pagurus* descriptas por

(*) λοξός = obliquo + χηλή = pinça, garra.

Miers nos Ann. and Mag. of Nat. Hist., v. VIII (5), 1881, pags. 275 e 276, o *P. imperator* e o *P. granulimanus*, cujos flagellos das antenas são no primeiro: « *flagellum red, the joints clothed with very short setæ* », e no segundo « *flagella nearly naked* » e, portanto, em parte guarnecidos de cílios; entre estabelecer um genero novo para esta unica especie e consideral-a um *Pagurus*, optamos por este ultimo alvitre, embora se tenha de dar ao genero *Pagurus* uma accepção mais ampla, que é preferivel á multiplicação indefinita dos generos.

Chelipedes inaeuales (sinister major) antennarum flagellum ciliatum.

A borda anterior do cephalothorax (borda frontal) apresenta tres saliencias agudas, sendo uma central entre as escamas ophthalmicas e duas lateraes entre os pedunculos oculares e as antenas; estas são um pouco mais proeminentes que a central; a partir das saliencias lateraes, a borda anterior do cephalothorax desce em linha obliqua, formando com as bordas lateraes um angulo obtuso; pouco atraz da borda anterior (na região gastrica) ha um sulco curvo para os lados e levemente reintrante na parte central, o sulco cervical é bem accentuado, as partes lateraes do casco, tanto na região anterior como na posterior, apresentam curtas impressões transversaes d'onde nascem tufos de pellos; na região gastrica e cardiaca elles são mais raros, a região cardiaca tem a fórma da secção longitudinal de um fuso com o vertice virado para baixo e é calcificada na parte anterior até metade de seu comprimento.

Os pedunculos oculares são mais curtos que a borda frontal do cephalothorax, cylindricos, levemente mais grossos na extremidade distal e apresentam pequenas impressões mais ou menos regularmente dispostas em alinhamentos paralelos longitudinaes, a cornea é pequena e pelo sino supero-interno que apresenta, o pedunculo penetra até á sua extremidade.

As escamas ophthalmicas são quasi contiguas, têm a fórma de um triangulo rectangulo, cuja hypotenusa voltada para fóra é muito reintrante, suas extremidades anteriores são tridentadas.

As antenas são bastante longas; o ultimo articulo dos pedunculos sobrepuja de metade de seu comprimento os pedunculos oculares.

O ultimo articulo das antenas attinge a extremidade da cornea, o aciculo do penultimo articulo alcança a borda inferior da cornea, o flagello é curto e robusto, apenas alcança a parte anterior do carpo do chelipede esquerdo (o maior) e apresenta na sua face infero-externa duas series contiguas e paralelas de longos cílios que se implantam nas juntas dos articulos.

Os maxillipedes externos são contiguos na base. As laminas branchiaes são profundamente divididas em duas partes truncados na extremidade na região media das branchias e acuminadas nas extremidades destas.

Os chelipedes são desiguaes, o esquerdo é muito maior e mais robusto que o direito, o dedo movel é do comprimento da palma em sua linha mediana, o dedo immovel tem pouco mais da metade do comprimento do dedo movel, possui uma unha cornea e dous ou tres espinhos com a extremidade cornea na borda dorsal proximo d'aquella, a mão (*propode*) articula-se obliquamente com o carpo, for-

mando com este um angulo obtuso muito aberto, cujo vertice acha-se voltado para fóra; o carpo é pouco menor que a palma, na sua linha mediana (da face superior), as pinças de ambos os chelipedes movem-se em um plano obliquo em relação ao plano de symetria do corpo; a face superior da pinça do chelipede esquerdo apresenta grande quantidade de pequenos tuberculos squamiformes que tornam-se agudos na borda interna, quer do dedo movel, onde formam uma leve crista dentada, quer da palma, onde existem dous alinhamentos regulares de tuberculos que deixam entre elles uma depressão longitudinal, a pinça, quando fechada, o dedo movel adapta-se perfeitamente ao dedo immovel; existem raros cilios nas superficies de contacto dos dois dedos, os tuberculos da borda interna da face superior do carpo são agudos e munidos de ponta cornea; a face superior do mero é escamosa, a orla anterior das saliencias squamiformes é provida de espinhos corneos e nelles implantam-se alguns cilios, na face inferior de todos os articulos do grande chelipede existem os mesmos lavores que na face superior, porém muito menos accentuados.

O chelipede direito apenas alcança a borda anterior do carpo do chelipede esquerdo; a pinça não fecha perfeitamente, os dedos apenas tocam-se nas suas extremidades, que são guarneçadas de pontas corneas; a face superior da pinça e do carpo é guarneçada de granulações salientes, na linha mediana d'esta face, desde a base do carpo até á borda anterior da palma entre a base do dedo fixo e articulação do dedo movel, existe um alinhamento regular de granulações e na borda interna do carpo, palma e dedo movel existem duas cristas de tuberculos agudos de extremidades corneas, que convergem para a ponta do dedo movel e bastante afastadas uma da outra no carpo, de fórma a deixar entre si uma area lisa; o carpo e principalmente o propode e dactylo apresentam grande quantidade de tufos de cilios; a face inferior do carpo e palma é lisa, apresentando a d'esta ultima sómente leves saliencias e a dos dedos apresenta alguns espinhos de extremidade cornea guarnecidos de curtos tufos de cilios na base; nas faces superior e inferior do mero existem saliencias squamiformes como as do chelipede esquerdo.

A segunda perna do lado esquerdo é tão longa como o chelipede desse lado.

Os dactylos dos 2º e 3º par de pernas são longos, quasi tão longos como o propode e carpo juntos, são styliformes, profundamente cannelados longitudinalmente, possuem uma unha terminal cornea e uma serie de tufos de cilios longos na face interna. A face externa do propode, carpo e mero destes pereiopodes é granuloso-squamosa e apresenta raros cilios; a borda supero-interna apresenta uma leve crista formada por espinhos alinhados mais ou menos regularmente, ao longo desta borda, a face interna do propode é glanulosa e as do carpo e mero são quasi lisas.

As pernas do 4º par são ornadas de tufos de longos cilios e são subcheliformes.

As do 5º par são mais delgadas que as do 4º, a pinça é alongada e guarneçada de cilios, a superficie raduliforme é oval.

O exemplar que servio de base para esta descripção é um macho e não possui appendices sexuaes (falsas pernas sexuaes).

O abdomen é asymetrico, as *terga* são bem desenvolvidas e as falsas pernas abdominaes do lado esquerdo terminam por duas laminas, uma longa, oval e ciliada nas bordas, e uma pequena rudimentar tambem ciliada.

O 6º segmento abdominal é dividido por um sulco transversal em duas partes; a parte posterior é dividida a seu turno em duas partes por um sulco longitudinal, seus appendices são muito desiguaes, os do lado esquerdo são maiores, os articulos terminaes dos appendices de ambos os lados são providos de grandes áreas raduliformes.

Nota — O desenho desta especie que foi feito com todas as proporções e do tamanho natural suppre perfeitamente as medidas.

Calcinus, Dana, 1852.

Calcinus sulcatus (M. EDWARDS, 1836).

Procedencia: Abrolhos — Bahia.

Ainda é muito restricta a área de dispersão conhecida, desta especie: Antilhas (M. Edwards), Barbada (Benedict), Colon (Nobili), Abrolhos — Bahia.

Clibanarius, Dana, 1852.

Clibanarius sclopetarius (HERBST 1796).

Procedencia: Bahia, Rio de Janeiro (ponta do Cajú, na bahia do Rio de Janeiro).

Encontra-se esta especie na costa oriental da America desde as Antilhas até o Rio de Janeiro.

Tendo tido occasião de observamos em vida, tanto o *C. sclopetarius* como o *C. vittatus*, pudemos fazer um estudo comparado do colorido das duas especies, que não é desprovido de interesse e mesmo póde auxiliar a sua determinação, visto que, se não as côres vivas, ao menos vestigios destas ainda se podem notar em exemplares que não tenham permanecido por longo tempo em alcool.

Sendo o colorido das patas ambulatorias o que differe mais sensivelmente nas duas especies, restringimo-nos a cital-o.

No *C. sclopetarius* os 2º e 3º par de pernas ambulatorias, apresentam 8 listras longitudinaes de igual largura, sendo 4 verde escuro e 4 laranja, as listras acham-se dispostas da fórma seguinte: na face externa uma listra verde escuro ao centro e duas laranja dos lados, na face superior uma listra verde escuro, na face interna como na externa e na inferior uma listra verde escuro.

No *C. vittatus* contam-se na face externa dos 2º e 3º par de pernas 6 listras longitudinaes, sendo 3 verde escuro e 3 laranja; as listras verde escuro têm o dobro ou mais da largura das laranja, na face superior ha uma listra verde escuro, na face interna ha 5 listras, sendo duas laranja na parte supero-interna (a contagem das listras deve ser feita no propode, onde se acham melhor definidas), muito contiguas, formando um angulo muito agudo, cujo vertice acha-se voltado para o dactylo, as duas que se lhe seguem são como as da face externa; a ultima verde escuro da parte infero-

interna do propode é mal delimitada e na face inferior as listras acham-se confundidas n'uma área que occupa toda esta face, n'uma só côr que resulta da combinação das duas côres predominantes nas outras listras.

Nota — O Sr. Ives¹ compara sua especie *C. formosus* com o *C. vittatus* (Bosc) de que realmente differe. Cremos que teria sido preferivel que o tivesse comparado com o *C. sclopetarius* (Herbst) de que é provavel que seja, senão um synonymo, ao menos uma variedade.

Clibanarius vittatus (Bosc, 1802).

Procedencia: Bahia, Rio de Janeiro (Mauá, na Bahia do Rio de Janeiro.)

A área de dispersão d'esta especie estende-se desde Charleston até o Rio de Janeiro.

Entre exemplares do *C. vittatus* e *C. sclopetarius* da mesma idade aproximadamente e de proporções relativas, encontra-se a seguinte relação de comprimento entre o dactylo e o propode da 3ª perna do lado direito.

C. vittatus:

Compr. do dactylo (face superior) da 3ª perna do lado direito.	14 ^{mm}
Propode	8 ^{mm} ,5
Ratio	5 ^{mm} ,5

C. sclopetarius:

Compr. do dactylo (face superior) da 3ª perna do lado direito	13 ^{mm}
Propode	9 ^{mm}
Ratio	4 ^{mm}

O *C. vittatus* é mais esguio, mais delgado de fôrmas, seu casco é mais estreito e mais curto que o do *C. sclopetarius*, as bordas lateraes do casco na região cervical são menos rugosas e menos villosas que no *C. sclopetarius*; a proporção, porem, entre o comprimento do dactylio e do propode é maior no *C. vittatus* que no *C. sclopetarius*.

Diferença de comprimento entre o dactylo e o propode da 3ª perna do lado direito do *C. vittatus* e *C. sclopetarius*:

<i>C. vittatus</i>	5 ^{mm} ,5
<i>C. sclopetarius</i>	4 ^{mm}
Ratio	1 ^{mm} ,5

Largura do casco (maior largura da parte anterior da região cervical):

<i>C. vittatus</i>	7 ^{mm}
<i>C. sclopetarius</i>	7 ^{mm} ,5
Ratio	0 ^{mm} ,5

¹ Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 132 (1891).

Comprimento do casco:

<i>C. vittatus</i>	7 ^{mm} ,5
<i>C. sclopetarius</i>	9 ^{mm}
Ratio	1 ^{mm} ,5

Clibanarius antillensis STIMPSON, 1862.

Procedencia : Recife dos Abrolhos — Bahia.

Esta especie tem sido encontrada sómente em Barbada uma das pequenas Antilhas (Stimpson) e nos recifes dos Abrolhos (Hartt).

* *Clibanarius braziliensis* DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana).

* *Clibanarius speciosus* MIERS, 1877.

Brazil (Miers).

Esta especie apresenta caracteres que a approximam bastante do *C. vittatus* (Bosc) e julgamos que Miers deveria tel-a comparado com esta especie e não com o *C. braziliensis*.

Paguristes, Dana 1852.

* *Paguristes spinipes* A. M. EDWARDS, 1880.

Habita a costa americana desde Barbada até o Brazil (A. M. Edwards et Bouvier).

Parapagurus, S. J. Smith, 1879.

* *Parapagurus gracilis* HENDERSON, 1888.

Pernambuco « ao largo », a 350 braças de profundidade (Henderson).

Eupagurus, Brandt, 1851.

Eupagurus criniticornis (DANA, 1852).

Procedencia : Rio de Janeiro.

Por emquanto, só se tem encontrado esta especie no Rio de Janeiro.

* *Eupagurus oclusus* HENDERSON 1888.

Pernambuco « ao largo », a 350 braças de profundidade (Henderson).

ALBUNIDÆ:

Albunea, Fabriciüs, 1798.*Albunea pareti* GUERIN-MENEVILLE, 1853.

Procedencia: Costa do Brazil.

A *Albunea pareti* tem sido encontrada em Cuba (v. Martens) St. Christophers, Cayenna e Brazil (Miers *A. oxyophthalma*).

Os pedunculos oculares em dous dos tres exemplares que existem na collecção do Museu Nacional, apresentam a fórma typica da figura de Guérin, sendo, porém, um pouco mais largos na base; no terceiro exemplar, os pedunculos oculares são mais delgados na extremidade, lembrando a fórma dos da *A. lucasi*, de Saussure, que talvez não seja mais que uma variedade desta especie, representando-a na costa occidental da America. Não fosse o grande desenvolvimento que apresenta na *A. lucasi* o espinho do angulo antero-lateral do cephalotorax e a insufficiencia da descripção de Saussure, consideral-a-hiamos desde já synonymo da *A. pareti*.

Lepidops, Stimpson, 1858.*Lepidops scutellata* (FABRICIUS, 1798).

Procedencia: Costa do Brazil.

Encontra-se esta especie nas costas da America banhadas pelo Atlantico desde Fort Macon N C, Estados Unidos da America do Norte até o Brazil.

HIPPIDÆ:

São vulgarmente conhecidos por: *Tatú-i*.**Hippa**, Fabricius, 1798.*Hippa emerita* (LINNÆUS, 1766).

Procedencia: Rio de Janeiro.

Tendo estudado grande quantidade de exemplares d'esta especie, verificamos que a *Hippa talpoida*, de Say e a *H. analoga* de Stimpson não são mais que synonymos d'esta especie, quanto á *H. talpoida*, Say, já Kingsley, em 1879, a

considerara synonymo da *H. emerita* (L.) Entre os exemplares que estudamos todos da costa do Brazil e todos da *H. emerita* (L.) alguns ha que, sem poderem ser considerados diferentes da *H. emerita*, apresentam entretanto os caracteres que Stimpson dá como proprios da *H. analoga*.

As impressões transversaes do cephalothorax variam muito, ora são muito numerosas, ora raras; a relação da sua largura para o comprimento, tambem é bastante variavel, assim como a direcção e o comprimento do espinho dos pedunculos das antenas. A variabilidade d'estes caracteres secundarios, que, entretanto, foram considerados como especificos por Say e Stimpson autorisam-nos perfeitamente a incluir no numero dos synonymos da *H. emerita* (L.) a *H. analoga* de Stimpson.

Encontra-se esta especie tanto na costa oriental como na occidental da America, na costa occidental desde a California até ao Chile e na oriental desde o cabo Cod até o Estado de S. Paulo — Ilha de S. Sebastião (Ihering) — Brazil e La Plata.

Remipes, LATREILLE, 1806.

Remipes barbadensis STIMPSON, 1838 — 1871.

Procedencia: Costas do Norte do Brazil.

O *Remipes barbadensis* tem sido encontrado nas Antilhas (Stimpson), Cuba (de Saussure), Barbada (v. Martens) e no Brazil.

Miers, no Journal of the Linnean Society v. XIV, pag. 319, 1878, descreve esta especie sob a designação de *R. scutellatus* (Fabr.), sem, entretanto, provar que a *Hippa scutellata* Fabr. é identica ao *Remipes barbadensis* Stimp. Os argumentos que este naturalista adduz, para justificar seu modo de proceder n'esta questão, nada provam; principia dizendo que os exemplares, existentes no Museu Britannico, que serviram de typo para sua descripção e denominados por Leach *R. scutellatus*, são *provavelmente* os exemplares typicos de Fabricius, em seguida attribue a Fabricius um erro palnar, o de confundir os maxillipedes externos com pernas anteriores e termina afirmando que de facto a descripção de Fabricius *tomada tal qual foi escripta* !! applica-se certamente melhor a *Lepidops scutellata*. Julgamos, portanto, que é preferivel conservar-se a designação de (Petiver), Stimpson, a mudal-a baseados em méras supposições.

A reivindicação da prioridade nas classificações tem limites e não pode dar-se, senão quando houver plena certeza, sem o que a nomenclatura zoologica não será mais que um Proteo com tendencias a chaos.

RANINIDÆ :

Zanclifer, Henderson, 1888.

* *Zanclifer caribensis* (DE FREMINVILLE, 1832).

Antilhas (de Fremenville) Bahia, Brazil « ao largo » (Henderson).

PORCELLANIDÆ:

Minyocerus, Stimpson, 1858.*Minyocerus angustus* (DANA, 1852).

Procedencia : Estado de Santa Catharina.

Esta especie foi encontrada no Rio de Janeiro por Dana e em Desterro, (Florianopolis) por Fritz Müller.

Porcellana, Lamarek, 1801, « restrict. ».* *Porcellana frontalis* HELLER, 1862.

Rio de Janeiro (Heller).

Pachycheles, Stimpson, 1858.*Pachycheles moniliferus* (DANA, 1852).

Procedencia : Bahia.

Dana encontrou esta especie no Rio de Janeiro, até agora, porém, ainda não conseguimos obtel-a na bahia do Rio de Janeiro.

Pachycheles rudis STIMPSON, 1862.

Procedencia : Bahia.

Os caractéres que apresenta o exemplar da collecção do Museu Nacional concordam perfeitamente com os que Stimpson dá como proprios do *Pachycheles rudis*, só differindo em possuir pellos na base do dedo immovel, proximo da articulação do dactylo, que Stimpson diz não existirem no *Pachycheles rudis*, tambem as series longitudinaes de granulações do carpo não são tão accentuadas como na estampa que acompanha o trabalho de Stimpson; estas pequenas diferenças não justificariam a criação de uma especie nova, e devem existir em variedades locais e communs a diferentes mares.

E' esta mais uma especie que vive tanto nas costas americanas do Pacifico como nas do Atlantico, até hoje só foi assignalada a sua existencia na costa da California (Stimpson) até a ilha de Santa Rosa (Lockington) e na Bahia.

Pachycheles mexicanus STREETS, 1871.

Procedencia : Bahia.

Até hoje só se tem encontrado o *Pachycheles mexicanus*, no golfo de Tehuantepec (Streets) e na Bahia.